



Apresentação

Os textos presentes neste dossiê abordam as relações entre literatura e cinema em contexto brasileiro de maneiras variadas: para além da questão das adaptações cinematográficas de obras literárias, os artigos aqui publicados meditam sobre a dinâmica complexa entre as duas artes que, desde o advento do cinema, influenciam-se de maneira mútua.

Os três primeiros artigos do dossiê sondam as relações entre cinema, literatura e sociedade, a evidenciar como a interação entre as artes literária e cinematográfica pode colaborar para a pesquisa e reflexão sobre o Brasil. O primeiro deles, “Texto e imagem, passado e presente: rastros de um legado cultural que se renova em *Mutirão em Novo Sol* e *Cabra Marcado para morrer*”, elaborado por Márcia Malcher dos Santos e Beatriz Yoshida Protazio, realiza um cruzamento original de objetos artísticos, os quais são mencionados no título do texto. As autoras analisam esteticamente a peça de Nelson Xavier e os filmes de Eduardo Coutinho, assim como recolhem parte da história de lutas no campo brasileiro. O artigo de Santos e Protazio traz, ainda, uma proposta política, ao refletir sobre as possibilidades para a constituição efetiva de uma democracia no Brasil, questão colocada por seus objetos em outros momentos históricos.

Em “A divina pornochanchada: uma leitura de *A Comédia de Alissia Bloom*, de Manoel Herzog”, Emmanuel Santiago observa as relações entre forma literária e processo social por meio da mobilização de temporalidades, gêneros literários e cinematográficos diversos – em especial a pornochanchada, sobre a qual o autor recolhe uma interessante bibliografia – para compreender o empreendimento do poeta Manoel Herzog, que parodia a *Divina Comédia* de Dante para sondar a estrutura de classes do Brasil de 2014.

No terceiro artigo do dossiê, “Infâmia dos intelectuais: um comentário sobre *Os inconfidentes* e sua recepção”, João Pace reverifica a célebre crítica elaborada por Gilda de Mello e Souza acerca do longa-metragem de Joaquim Pedro de Andrade, lançado no início da década de 1970. Valendo-se sobretudo do fundamental artigo “Cultura e Política, 1964-1969”, de Roberto Schwarz, bem como de objetos artísticos do passado e do presente, Pace joga luz sobre os acertos do longa de Joaquim Pedro, uma

vez que o golpe de 1964 tanto impõe novos limites à *intelligentsia* quanto revela outros, mais antigos. A partir de tais análises, o autor do ensaio ainda lança algumas perguntas acerca da atualidade dos acertos que encontra no longa-metragem de 1972.

Os dois artigos seguintes focalizam sobretudo a questão das influências técnicas recíprocas cara à interação entre cinema e literatura: Mariane Pereira Rocha explora as relações entre texto e imagem em “‘Contra-imagem da dor’: o cinema para elaborar o luto em *C’est loin Bagdad [fotogramas]* de Leila Danziger”. Rememorando o curta-metragem da cineasta Valérie Brégaint, produzido nos anos 1980, Dazinger reflete sobre as lacunas da memória e estabelece um pequeno inventário em homenagem à vida e ao trabalho da amiga falecida em 2013. Por sua vez, mais do que sinalizar as articulações entre a dimensão verbal e visual do livro, Pereira Rocha mobiliza o conceito de intermedialidade proposto por Rajewsky para analisar a incorporação de procedimentos técnicos específicos do cinema na composição dos poemas de Dazinger.

Também tomando como base teórica o conceito de intermedialidade, Tatiana Carlotti aborda a construção cinematográfica do romance *PanAmérica*, de José Agrippino de Paula, no artigo “A escrita fílmica de uma epopeia pop”. Apresentando o diálogo de Agrippino com a *pop art*, Carlotti repensa o romance e sua inserção no ambiente cultural do Brasil no final da década 1960, destacando dois aspectos formais da obra: a estrutura paratática do texto, cuja cadência repetitiva simula o ritmo de um maquinário industrial (reforçado pelos temas do universo cinematográfico), e as transformações da figura de Marilyn Monroe, que assume no romance ora atributos de *pinup*, ora de deusa ctônica, entre outros tantos papéis mediados pelo imaginário da indústria cultural.

No que concerne à discussão sobre adaptações cinematográficas de obras literárias, no artigo “O fantástico machadiano em telefilme: *Os olhos de Pedro Antão*”, Geovana Barbosa de Almeida e Cynthia Beatrice Costa analisam a adaptação do conto de Machado de Assis realizada pelo diretor Adolfo Rosenthal em 2008; para fazê-lo, recolhem bibliografia crítica sobre as relações entre a contística de Machado e a chamada literatura fantástica. Em sentido similar, mas valendo-se de outros referenciais teóricos, em “Migração e morte na tradução intersemiótica de *Morte e vida severina*”, Iury Aragonéz, Neuda Alves do Lago e Samuel Rufino de Carvalho

mobilizam as ferramentas da semiótica de Peirce para analisar, de maneira comparativa, a famosa obra de João Cabral de Melo Neto e o filme *Morte e vida severina* em desenho animado, dirigido por Afonso Serpa. A ideia é mostrar como a animação faz uma tradução intersemiótica do poema, transpondo para a dimensão audiovisual os signos da migração e da morte presentes no texto verbal.

O dossiê se encerra com uma discussão que toca a área da educação básica: em “Cinema: um atalho entre leitor e leitura literária: quadrúplice recepção estética em contexto escolar”, Lucas Evangelista Saraiva Araújo propõe uma reflexão sobre o trabalho audiovisual como uma metodologia ativa nas aulas de literatura. Analisando a experiência do projeto *Filminutos* 2018, no qual alunos da 1ª série do ensino médio do CETI Zacarias de Góis (Teresina-PI) roteirizaram e filmaram curtas-metragens desenvolvidos a partir de contos lidos em sala, Araújo ancora-se nas premissas da estética da recepção de Jauss para sugerir como o projeto escolar pode cultivar o gosto e o hábito da leitura nos adolescentes.

Neste novo número de *O Eixo e a Roda* também consta, além do dossiê, sete textos que compõem a seção Varia, editada pelos professores Gustavo Silveira Ribeiro e Paulo Bio Toledo. Autores do século XIX, como Castro Alves e Cruz e Souza, são objeto de alguns artigos, bem como a produção de escritores do nosso tempo como Ana Paula Maia, Patrícia Melo, Eucanaã Ferraz, José Luiz Passos, Tatiana Belinky e Lygia Fagundes Telles, são o ponto focal de outros. Por fim, a última seção, também organizada por Silveira e Toledo, traz uma resenha do novo livro da pesquisadora e professora Anita Martins Rodrigues de Moraes.

Uma boa leitura a todos.

Carolina Serra Azul

Universidade Federal de Minas Gerais

Renan Nuernberger

Universidade Federal de Minas Gerais